



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A CONTRIBUIÇÃO DA CORPOREIDADE COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA NA FORMAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.**

BETÂNIA SABINO SANTOS

BRASÍLIA

2018

BETÂNIA SABINO SANTOS

**A CONTRIBUIÇÃO DA CORPOREIDADE COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA NA FORMAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
a conclusão de curso e obtenção do
diploma de Licenciatura em Educação
Física.**

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marcelo de Brito

Brasília

2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, meus professores do curso, amigos e aos professores de Educação Física que tive contato durante toda a minha vida e me deram bons exemplos de como ser uma boa profissional. Enfim, dedico a todos que estiveram comigo durante esses 5 anos de graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela dádiva da vida, aos meus pais, Maria Aparecida Sabino e José Guilherme Santos, incansáveis trabalhadores e incentivadores para a conclusão deste curso, minhas irmãs, Ester Sabino Santos e Sara Sabino Santos pela torcida e compreensão, meu orientador “Kapish” por toda paciência comigo, minhas amigas Amanda Salomão Werneck, Ana Luísa Rocha Santos e Erica dos Santos Oliveira por todo apoio e a todos meus amigos que me prestaram solidariedade nesse momento, meus professores que estiveram tão presentes nessa trajetória e não me faltaram com ensinamentos, a todos os funcionários da FEF pela simpatia e disponibilidade, e a UnB pelas eternas lembranças e oportunidades.

“O IMPORTANTE NÃO É O QUE SE DÁ,
MAS O AMOR COM QUE SE DÁ”.

Santa Teresa de Calcutá

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que foi criada para garantir o direito à educação com ênfase à alfabetização de jovens e adultos com necessidade de conclusão da educação básica. Salvo as exceções, a Educação Física é uma disciplina obrigatória no currículo, com carga horária de uma hora semanal. Diante dessa realidade pouco favorável ao desenvolvimento de um currículo mais contundente e consistente, busquei intervir nas aulas o tema corporeidade. Neste sentido, o objetivo geral deste estudo consistiu em desenvolver motriviências sobre possibilidades de desenvolvimento de estratégias de ensino baseados na percepção corporal. Para isso desenvolvemos quatro aulas de Corporeidade para alunos do segundo segmento da EJA de uma escola pública do Distrito Federal. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa onde utilizamos como estratégia de coleta de informação a observação direta das atividades, do registro escrito e de questionários diagnóstico (antes das aulas) e avaliativo (após as aulas) como metodologia. Responderam voluntariamente ao primeiro questionário 34 alunos, sendo 16 mulheres e 18 homens, no segundo questionário responderam 23 alunos, sendo 14 homens e 9 mulheres, referente a todas as turmas. Os resultados indicam algum constrangimento, todavia apontaram relevância das experiências.

Palavras Chaves: Educação de Jovens e Adultos; Educação Física; Corporeidade.

ABSTRACT

The Youth and Adult Education (EJA) is a teaching modality created to assure the right of education with emphasis on literacy of youth and adults who need to complete basic education. Except for a few cases, Physical Education is a compulsory subject in the curriculum for at least one hour a week. Therefore, the general purpose of this study consisted of raise the debate about possibilities of the development of teaching strategies based on sportsmanship. It has been developed four corporeality classes for second segment of EJA students they're from a public school in Distrito Federal. Based on a qualitative approach research, were used classes observation, from written record and diagnostic questionnaires (before class) and evaluative (after class) as methodology. 34 students answered voluntarily to the first questionnaire, 16 were women e 18 men, on the second questionnaire 23 students answered, 14 were men and 9 women, this numbers are from all classes. The results showed difficulties from students to experience the playful, because it is not a common activity. However, they liked the proposal and would do more classes following the methodology. Due to its results, it is understood that corporeality can benefit YAE, because enables, to the students, the rupture of standards and reflections about our body behavior.

Key words: Youth and Adults Education; Physical Education; Corporeality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Proposta de Atividade – Aula 1

Quadro 2. Proposta de Atividade – Aula 2

Quadro 3. Proposta de Atividade – Aula 3

Quadro 4. Proposta de Atividade – Aula 4

Quadro 5. Respostas dos educadores para a pergunta “Como foram as aulas de corporeidade para você?”

Quadro 6. Respostas dos educadores para a pergunta “O que de mais importante você conseguiu identificar nessas aulas?”

Quadro 7. Respostas dos educadores para a pergunta “Quais as maiores dificuldades na aula de corporeidade?”

Quadro 8. Respostas dos educadores para a pergunta “Quais as maiores diferenças entre suas aulas de Educação Física anteriores e as aulas de corporeidade?”

Gráfico 1: Idade dos alunos

Gráfico 2: Horas de trabalho por dia

Gráfico 3: Prática de esportes

Gráfico 4: O porquê de participarem das aulas de Educação Física

Gráfico 5: Conteúdo das aulas de Educação Física

Gráfico 6: Frequentariam mais aulas de corporeidade

ABREVIATURAS

EJA Educação de Jovens e Adultos

EF Educação Física

FEF Faculdade de Educação Física

UnB Universidade de Brasília

MEC Ministério da Educação e Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. REFERENCIAL TEÓRICO	3
2.1 EJA E EDUCAÇÃO FÍSICA	3
2.2 O DESPERTAR DA CORPOREIDADE: MEU BREVE TESTEMUNHO	6
3. METODOLOGIA	8
4. RESULTADO E DISCUSSÃO	10
4.1 QUESTIONÁRIO 1	16
4.2 QUESTIONÁRIO 2.....	21
5. CONCLUSÃO	26
6. REFERÊNCIAS	28
7. APÊNDICE	32
8. ANEXO	34

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que foi criada para garantir o direito à educação com ênfase à alfabetização de jovens e adultos com necessidade de conclusão da educação básica. Direito esse adquirido na promulgação da Constituição da República Federal do Brasil de 1988. A responsabilidade da oferta e garantia da EJA é dos estados e devem ser ofertadas na rede pública de ensino. No Distrito Federal, as aulas acontecem por Segmentos organizados em regime semestral que corresponde aos anos que não foram cumpridos no tempo regular, com duração de quatro horas diárias, tendo aulas de segunda à sexta-feira. (PIMENTA, 2011).

Os componentes curriculares apresentam os eixos integradores, tais como: cultura, mundo do trabalho e tecnologias, como possibilidade para diálogo do conhecimento científico com os saberes trazidos pelos sujeitos e fortalece a organização dos componentes curriculares em áreas do conhecimento em cada segmento. (BRASIL, 2013).

Salve as exceções, a Educação Física é uma disciplina obrigatória no currículo, com carga horária de uma hora semanal, mas facultativa em alguns casos. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais abordam-se três aspectos fundamentais para a área da Educação Física Escolar: princípio da inclusão, da diversidade e as categorias de conteúdos. Ou seja, buscar novas formas e atividades evitando somente o ensino dos esportes, valorizando outras práticas no processo do movimento.

Dentro da realidade do ensino para educação de jovens e adultos, pode-se perceber a necessidade de se pensar no princípio da inclusão a todo o momento da prática pedagógica. Considerando que a Educação Física sempre se pautou pela seleção dos alunos "hábeis" e a segregação daqueles não muito habilidosos, é preciso que se permita olhar para a cultura corporal de maneira ampla, além das atividades esportivas ou de relaxamento, por exemplo. (MEC, 2000?).

Diante disso, essas relações precisam ocorrer por meio da existência e da presença do corpo no mundo, enquanto unidade participativa e significativa que, por sua vez, possui a propriedade de estabelecer relações que é a própria Corporeidade. Mas, para que este desenvolvimento aconteça, é necessário que os indivíduos se relacionem, trocando, desenvolvendo e criando

informações, objetos, vivências enquanto ser presente, atuante, e significativa. (NEVES, 2009).

O objetivo geral deste estudo consistiu em levantar o debate sobre possibilidades de desenvolvimento de estratégias de ensino baseados na corporeidade. Por meio de uma experiência desenvolvida entre alunos da EJA de uma escola pública do Distrito Federal.

Em relação aos objetivos específicos buscou-se a ampliação da percepção e reflexão sobre a corporeidade.

As motivações que me levaram a essa pesquisa advieram do meu envolvimento com a disciplina Corporeidade e Expressão em Educação Física que faz parte como disciplina optativa da Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade de Brasília (UnB). Ao cursá-la tive a possibilidade ímpar de ampliar a minha percepção sobre mim mesma e de, como aponta Rogers (1976), abrir espaço para tornar-me pessoa.

Percebendo as idiosincrasias do contexto escolar do EJA onde as aulas de educação física pouco representam como formação, que tratamos com adultos com histórico frequente de evasão, repetência e dificuldades existenciais convivendo com limitada interatividade e exclusão social, e ainda, que uma aula por semana é insuficiente para qualquer intento relacionado com aprimoramento esportivo ou mesmo da aptidão física, nosso intento foi tematizar, refletir e experienciar o eixo Corporeidade, e através de motrivivências estimular a percepção de si e do outro.

A inserção do tema da corporeidade como conteúdo, traz consigo a intenção de fazer da Educação Física um conteúdo curricular significativo neste espaço escolar, fato hoje não observado na realidade das escolas, sobretudo no regime noturno, levando os alunos a refletirem sobre diversas questões relacionadas ao corpo e sua forma de se expressar.

Entendemos que as aulas de educação física, a despeito das contradições que acompanham essa disciplina no contexto escolar e mais especificamente na EJA, necessita consolidar algum “chão” que justifique e assegure seu acento na escola. Por isso, buscamos inserir a corporeidade

como conteúdo nas aulas de educação física para, pelo menos, termos 50 minutos de “olhar” sobre o corpo que somos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EJA E EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) garante o acesso aos estudos no Ensino Fundamental e/ou Médio destinada a jovens, adultos e idosos que por algum motivo não deram andamento na idade propícia. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei Federal nº 13.632, de 6 de Março de 2018, ART 37:

§ 1º - Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Essas pessoas encontram-se à margem do acesso aos bens culturais, sociais, econômicos e de direitos pelos mais variados motivos. São sujeitos marcados pela diversidade seja em suas trajetórias pessoais ou mesmo em suas especificidades de atendimento; jovens, adultas, idosas; em cumprimento de medida socioeducativa; com restrição de liberdade (sistema prisional); população em situação vulnerabilidade social; com necessidades educacionais especiais diagnosticadas ou não; integrantes de movimentos sociais e populares; trabalhadores da cidade e do campo. EJA é a representação viva, na escola, da complexidade, diversidade e pluralidade da sociedade brasileira.

Para essas pessoas, o retorno para a escola constitui uma possibilidade de aquisição do conhecimento formal com vistas à elevação da escolaridade, possibilidade de ascensão social e econômica (Brasil, 2014).

Um dos objetivos do EJA é garantir o direito do cidadão ter condições de uma vida digna em comunidade, tais como: escrever o próprio nome ou uma mensagem para alguém, ler e compreender o que está sendo lidos em livros, placas, cartazes, ser capaz de intervir de forma críticas, reflexiva, ou seja, aspectos básicos da sociedade. E é na escola que o jovem ou adulto tem a

oportunidade de modificar seu futuro, pessoas que buscam a EJA não vão apenas à busca de um diploma. (CURY, 2001)

A oferta da EJA na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal é organizada por semestre em unidades escolares no turno noturno, podendo ser ministradas também no diurno. A modalidade correspondente ao Ensino Fundamental, anos inicial e final, e ao Ensino Médio por meio dos segmentos:

Segmento	Educação Básica	Carga Horária
Primeiro Segmento	Anos iniciais (1° ao 5° ano)	1600h
Segundo Segmento	Anos finais (6° ao 9° ano)	1600h
Terceiro Segmento	Ensino Médio	1200h

Fonte: Diretrizes operacionais da educação de jovens e adultos 2014/2017. Brasil, 2014.

Entre os componentes curriculares da EJA, destaca-se a Educação Física, uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal (Coletivo de Autores, 1992).

A EF na EJA por lei é uma modalidade de ensino obrigatória, mas facultativa para alunos que cumpre jornada de trabalho igual ou superior a 6 horas; forem maiores de trinta anos de idade; que estiverem prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiverem obrigados à prática da educação física; e que tenham prole. Nesses casos os alunos optam por fazer ou não a disciplina (BRASIL, 2003).

Essa lei possibilita a desvalorização da EF quando é permitida a ausência do aluno nas aulas, a disciplina acaba sendo vista como um momento de lazer dentro da escola onde o conhecimento é pouco significativo ou até

mesmo inexistente. O que os jovens e adultos pensam sobre a escola e o conhecimento que é veiculado nela passa necessariamente pelas experiências vividas. Com isso, a EF escolar toma rumos que podem aproximar alguns jovens ao que nela é veiculado, tornando-a significativa ou, ao contrário, afastando-os, tornando-a sem sentido, ou pelo menos com significados distintos do que alguns alunos esperam. (PIMENTA, 2011).

A visão que a EF apresenta na EJA é fragmentada e pautada de práticas reprodutiva e de caráter recreativo, destituída de uma reflexão teórica. Em muitos casos, prevalece uma associação com uma possível melhoria das condições físicas, fundamentadas em uma concepção de EF com foco na aptidão física e saúde. Sendo que, para alguns educandos que foram obrigados a abandonar a escola em fase muito inicial da escolaridade e a ela retorna em idade mais avançada, a ausência de qualquer tipo de representação sobre EF (GUTHER, 2014).

Na opinião dos gestores, a EF não é entendida como disciplina fundamental ao desenvolvimento físico-cognitivo, sustentando o argumento de que esta disciplina contribui para desgastar ainda mais o aluno que vem cansado do trabalho (CARNEIRO, 2002).

É fato que ao se trabalhar EF com a EJA é necessário fixar subsídios que provoca novas perspectivas pedagógicas. Reconhecendo assim que a EF pode e deve proporcionar experiências significativas para a vida do aluno, quebrando os paradigmas que materializa a divisão de uma aprendizagem formal e outra informal.

No trabalho com educação de jovens e adultos, surgem possibilidades e necessidades de aprendizagem cada vez mais específicas, em função das condições cognitivas, afetivas e motoras dos alunos permitirem cada vez mais um distanciamento do próprio objeto de ensino. Ou seja, percebe-se com nitidez que as práticas da cultura corporal de movimento podem constituir-se em objetos de estudo e pesquisa sobre o homem e sua produção cultural. A aula de Educação Física, além de ser um momento de fruição corporal, pode configurar-se num momento de reflexão sobre o corpo, a sociedade, a ética, a estética e as relações inter e intrapessoais. (MEC, 2000?)

É necessária a transformação da EF para favorecer as possibilidades de contato corporal consigo mesmo e com os outros, por meio de linguagens que favoreçam a expressão das ideias, sentimentos e crenças pelo movimento, dando oportunidade ao aluno de refletir sobre sua história pessoal e sobre como esta é “cravada” e desenhada em seu corpo ao longo do tempo. (MEC, 2000?)

2.2 O DESPERTAR DA CORPOREIDADE: MEU BREVE TESTEMUNHO

O tema da corporeidade como conteúdo nas aulas de EF escolar, emergiu durante meu envolvimento enquanto aluna na disciplina Corporeidade e Expressão em Educação Física, disciplina essa que me fez despertar para a importância de me autoconhecer cada vez mais.

Antes da disciplina, o corpo para mim era uma incógnita, não era uma pessoa de olhares diretos, abraços e muito menos de expressar os meus sentimentos.

Quando entrei para a matéria, estava com muito receio em relação ao que encontraria. Era esse receio que também me motivava a querer estar lá, pois eu sabia que o que estava por vir mudaria meu jeito de me enxergar e enxergar o outro.

Já na primeira aula eu fui com o coração, mente e corpo, ou seja, de corpo a partir do seu todo, aberta para aceitar as propostas que o professor apresentaria. Desde o início busquei vivenciar plenamente às aulas, deixando todos meus preconceitos e receios de lado. Eu amei, foi um amor inexplicável. Até hoje não consigo explicar o que aconteceu comigo nas aulas, mas elas me fizeram ser outra pessoa, ou melhor, realmente ser o que eu sou, o que tá escondido em mim e que eu tenho medo de mostrar para o mundo.

Hoje já mudei muito em relação a relações interpessoais, consigo olhar no olho do outro quando ele fala, já consigo abraçá-lo e não me sentir constrangida com isso, dançar, dançar do jeito que eu gosto sem padrões e sem me importar com o que vão dizer, enfim ser feliz.

A disciplina ministrada na FEF/UnB é fundamentada na abordagem do Projeto de Ação Contínua denominado Movi-mente. Este projeto foi criado pelo Professor Doutor Marcelo de Brito e é fundamentado em sua tese de doutoramento. A premissa é o desenvolvimento humano integral, “a abordagem segue caminhos onde encontraremos uma arquitetura baseada em 4 ‘pilares’ que não devem ser vistos em separado, mas como uma unidade dinâmica”: BRITO (2013). A saber:

1. O anel tetralógico, interrelacionando desordem, organização e ordem de onde surgiu a ideia do Kaos criativo que constitui o elemento dinamizador; a forma de desestabilizar o status quo (individual e coletivo).
2. O jogo, manifestação holística por natureza, através do qual podemos explorar os elementos culturais de forma plural e a dialética dos opostos complementares dinamizando a essência lúdica.
3. Os chakras que representam os portais para a conexão interior-exterior onde, explorando suas peculiaridades, podem entrelaçar a complexidade multidimensional do indivíduo.
4. Os campos morfogenéticos, que constituem o contexto relacional ou a esfera de conexões/interações entre os seres, o meio e a informação. (BRITO, 2013, p. 90, 91)

Contudo, inspirada por esses fundamentos, o que protagonizei, veio do interesse de trazer de alguma forma a temática do corpo ampliada pela visão de Corporeidade, mesma abordagem do trabalho desenvolvido no projeto Movi-mente, e aqui entendida como uma unidade dinâmica que integra as diversas dimensões humanas (física, emocional, mental, espiritual e social). Experienciar, através da corporeidade, as diversas dimensões “constitui solo fértil para tratar da fragmentação, (re)unir nossas dimensões e estabelecer uma nova ordem na direção da unidade” (BRITO, 2013, p.71).

Cabe à Educação Física enquanto integrante de um processo educativo interessado no desenvolvimento humano, lidar diretamente com ‘este corpo’, sem negar ou esquecer seus contextos, seus desejos, anseios, alegrias, tristezas, transformações, relações e egos, e, por conseguinte, incentivando os indivíduos a viverem e sentirem-se corporalmente (SANTIN, 1987).

Acentuando também que a Corporeidade que se constrói é mutável e transforma-se a cada nova vivência sem abandonar as anteriores; todo contexto por que passamos, as culturas, os hábitos, os costumes vão influenciar nesta corporeidade onde o corpo vai se apropriar dos objetos, das

ideias, incorporando-os por meio do movimento intencional de projetar-se ao mundo (MERLEAU-PONTY, 2006; FREITAS, 1999).

Assim, trabalhando a Corporeidade como conteúdo nas aulas de Educação Física na Educação de Jovens e Adultos, procuramos acentuar a influência da história de cada um, sem desvalorizar a cultura acumulada, mas buscando a superação de padrões comportamentais inconscientes, condicionamentos e presunções que habitam nessa trajetória.

Relevamos, sim, a importância do movimento intencional e criativo, onde o corpo produz, experimenta e compreende gestos e expressões ilimitados, desenvolvendo a capacidade de conceituar e entender o mundo de maneira racional e significativa, sem padrões impostos ou oferecidos prontos. (OJEDA, 2011).

3. METODOLOGIA

Ao entender o papel da Educação Física no currículo escolar e perceber a problemática de sua inserção no contexto da EJA estabelecemos a intervenção como premissa de abrir novos caminhos para resignificar a EF no neste ambiente educacional. Portanto, a natureza deste estudo balizou-se pela abordagem qualitativa inspirado ao que sugere a metodologia da pesquisa-ação onde foram trabalhados alguns elementos.

A coleta de informações em decorrência da intenção interventiva se baseou em de questionários e análise das respostas, visando levantar a extensão projetiva das possibilidades de mudança que as experiências (motrivivências) alcançaram.

Como proposta de ensino teve como base a abordagem metodológica humanista dando “ênfase às relações interpessoais e ao crescimento que delas resulta centrado no desenvolvimento da personalidade do indivíduo (MIZUKAMI, 1986, p.37-38)”.

A pesquisa aconteceu entre os meses de Abril e Maio de 2018 em uma escola pública do Distrito Federal. A prática foi desenvolvida em quatro turmas, do 5º a 9º ano, da disciplina de Educação Física do segundo seguimento, que

corresponde ao Ensino Fundamental, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. A coleta de dados se baseia na observação das aulas, no registro escrito e em questionários diagnóstico (antes das aulas) e avaliativo (após as aulas).

Foram feitas duas visitas anteriores à prática na escola para conhecer a professora e o local de trabalho e mais quatro aulas com aplicação da proposta e dos questionários. As aulas foram ministradas na sala de laboratório da escola. Na primeira aula foi realizada a aplicação do primeiro questionário, sendo este fechado com o objetivo de conhecer os participantes e detectar sua relação com a Educação Física e uma dinâmica quebra gelo, nas duas aulas seguintes foi ministrada aulas direcionadas ao fortalecimento da autoestima, da confiança, expressão de emoções e contato corporal. Depois na última aula foi novamente aplicado questionário, na tentativa de verificar o alcance das atividades propostas durante o período de realização. Os questionários foram feitos pelos alunos de todas as turmas que eu tive contato. No último dia só responderam o questionário os alunos que frequentaram as aulas. Nenhum aluno foi obrigado ou teve a nota reduzida e/ou aumentada para responder o questionário e participar das quatro aulas.

A intervenção no contexto visou analisar os desdobramentos que a corporeidade como conteúdo pode trazer para a Educação de Jovens e Adultos vivenciando a corporeidade por meio de atividades práticas (motrivivências) que incitaram a expressão/percepção corporal explorando diversas linguagens e buscando estabelecer de forma lúdica, o vínculo entre os indivíduos da turma.

Após a autorização por escrito da Regional de Ensino da referida escola para a realização da pesquisa, foi apresentado à proposta e esclarecido sobre o consentimento livre para que em seguida os questionários fossem aplicados aos alunos. Todos os instrumentos de pesquisa utilizados se encontram em anexo.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Serão expostas as descrições de como aconteceu à abordagem das aulas para facilitar a compreensão das informações recolhidas. Lembrando que mesmo sendo feito em uma escola pública nenhum aluno foi obrigado ou teve a nota reduzida ou aumentada por responder os questionários e participar das aulas.

Quadro 1: Proposta de Atividade – Aula 1

Tipo de aula: Aula teórica
Objetivo: Apresentar a proposta
Desenvolvimento da aula: 1° Atividade: Apresentação 2° Atividade: Aplicação do questionário 3° Atividade: Realização da dinâmica quebra gelo
Diário de campo
Avaliação observacional e feedback dos alunos: <p>Foi um dia bem cansativo pra mim, sair da Universidade de Brasília às 18h pensando que iria chegar atrasada já que peguei um engarrafamento enorme. Estava bem apreensiva com esse primeiro dia. Chegando à escola, avistei logo a professora que me recebeu muito bem e percebi que ela não estava muito bem de saúde, sua voz não estava saindo direito. Perguntei o que era e ela disse que estava muito gripada. Ela me apresentou uma sala que eu poderia fazer a prática e perguntou se eu queria ir às turmas chamar o pessoal, eu disse que esperaria lá na sala mesmo e entrei. Estava bem ansiosa com o que me esperava.</p> <p>Nas turmas, iniciei com uma apresentação, falei um pouco sobre a corporeidade, que é uma matéria onde o corpo fala mais que as próprias palavras. Então eles experimentariam o corpo por meio de expressões e gestos criativos, falei que eram aulas que exigiram coragem para se expor perante o outro. Mas falei também que a participação deles seria facultativa que ninguém era obrigado a participar das práticas e quem não quisesse não seria prejudicado, mas que era de muita importância para mim, visto que eu precisava deles para terminar a faculdade. Assim que terminei minha fala inicial, entreguei os questionários para eles fazerem.</p> <p>Dinâmica: De dois em dois os alunos deveriam ficar um de frente para o outro</p>

se olhando e tentando perceber o máximo de características de cada um, depois eles viravam de costa e iam pensando no que tinha visto, depois de um tempo eu pedia para os alunos tentarem mudar alguma coisa em si para sua dupla adivinhar. Eles voltavam a se olhar e tinham que dizer o que estava diferente em seu colega.

1° turma (8° ano): Quando a turma chegou eu fiquei surpresa porque a maioria não eram pessoas mais velhas, como imaginava. Havia muitos jovens nas turmas o que me surpreendeu muito. Eles fizeram o questionário, mas reclamaram bastante para realizar a dinâmica, enfatizei que não era obrigado, mas no final todos fizeram, só não teve muito diálogo na hora da reflexão sobre a dinâmica.

2° turma (7° ano): Nessa turma consegui me apresentar, aplicar o questionário e fazer a dinâmica. Depois da dinâmica ainda fizemos uma reflexão sobre como as relações estão cada vez mais rasas, que as pessoas não conhecem as outras direito, na própria sala de aula ficamos várias horas com aquela pessoa no lado e nem sabemos o nome dela. Conclusão: precisamos nos conhecer mais, temos muitas semelhanças que nos fazem ser amigos, mas não percebemos por simplesmente não darmos a oportunidade de conhecer o outro.

3° turma (6° e 5° ano): Assim que terminei minha fala inicial, entreguei os questionários para eles fazerem. Enquanto entregava, alguns alunos saíram de sala, por um momento pensei que só eu ficaria ali, mas os alunos mais velhos não saíram, permaneceram todos lá. Eu tinha preparado uma dinâmica inicial para ser feita com eles, mas alguns alunos tiveram dificuldade para ler e entender o que estava sendo pedido no questionário, então nesse primeiro dia não fiz a dinâmica, fiquei só por conta de aplicar o questionário e ajudar esses alunos.

O que é perceptivo nessa primeira aula é o grande número de jovens frequentando o ensino noturno. Antes a EJA eram composta por alunos que saíram da escola ficando anos afastados, jovens com sucessivas retenções e histórico de abandono escolar, muitas vezes por necessidade de trabalho e

sustentos da família. Hoje são alunos que não saíram da escola, ou seja, que embora tenham histórias de insucesso escolar permaneceram nela. Esse jovem que ingressa na modalidade atualmente traz outra identidade, outras questões e muitas vezes não vê nessa escola um espaço seu e nem os educadores da EJA veem esse espaço como um lugar das juventudes. (LEMOS, 2017).

Quadro 2. Proposta de Atividade – Aula 2

Tipo de aula: Aula prática
Objetivo: Confiar no outro
<p>Desenvolvimento da aula: Atividades com vendas</p> <p>1° Atividade: Formar duplas, um com venda, o outro sem. Quem estiver sem venda guia o outro sem falar e sem encostar-se ao colega.</p> <p>2° Atividade: Ainda em duplas, um com venda e outro sem. Os participantes vão caminhar pelos lugares, sendo o último o guia. Para guiar vai precisar utilizar toques, dois toques nos dois ombros para andar, um toque no ombro direito para ir pra direita, um no ombro esquerdo para ir para a esquerda e um nos dois ombros para parar.</p> <p>3° Atividade: Em grupo e vendados os participantes buscam, através da interação de seus corpos, a montagem de figuras, como casas, microfone, etc.</p>
Diário de campo
<p>Avaliação observacional e feedback dos alunos:</p> <p>1° turma (8° ano): Chegaram e ficaram meios desconfiados quando viram as vendas, mas os que entraram não saíram da sala. Começamos o 1° exercício, todos riam muito e alguns alunos estavam fazendo seus colegas vendados se baterem de propósito, então tive que intervir muito durante o primeiro exercício para ninguém sair ferido e eles se concentrarem. No segundo eles já estavam mais tranquilos e entendendo o sentido do exercício. Não chegamos ao 3° exercício, pois era necessário ter o momento da reflexão, a reflexão foi para o lado da inclusão social, de como era importante perceber como uma pessoa cega interage em sociedade.</p> <p>2° turma (7° ano): Fizemos todos os exercícios, eles são bem aplicados e</p>

gostam das aulas. Na reflexão final eles retomaram a questão de conhecer o outro, junto com a questão de confiar, confiar tanto na pessoa que conhece como a que não conhece. Percebemos que hoje em dia não confiamos em ninguém e sempre temos um pré-julgamento ao outro de acordo com sua aparência, seu modo de vestir, principalmente quando a pessoa é pobre. Eles começaram a relatar sobre os preconceitos que já sofreram.

3º turma (6º e 5º ano): Quando chegaram à primeira coisa que fizeram foi perguntar da balinha e novamente prometi que levaria no último dia. Conseguimos fazer os 3 exercícios, mas quando íamos começar a reflexão a vice diretora bateu na porta pedindo que fosse liberado os alunos, pois o ônibus que leva os alunos para casa iria sair mais cedo naquele dia. Segunda uma das alunas, todos os alunos vão para suas casas no ônibus escolar.

O fato dos alunos precisarem se locomover de ônibus escolar, mesmo alguns morando perto da escola, evidencia a vulnerabilidade as diferentes violências dentro e fora da escola. Segundo Abramovay e Avancini (2011) nos aspectos externos, implicam, por exemplo, as questões de gênero, as relações raciais, a experiência social e familiar, como também o território no qual a escola está inserida. Já entre os fatores internos, idade, série, modalidade, impacto do sistema de regras sobre os jovens, por exemplo.

Quadro 3. Proposta de Atividade – Aula 3

Tipo de aula: Aula prática
Objetivo: Expressar os sentimentos
Desenvolvimento da aula: Atividade expressando sentimento Atividade: Vendados os alunos precisam expressar diversos sentimentos que são colocados para eles, por meio da música e do comando do professor, utilizando da expressão corporal.
Diário de campo
Avaliação observacional e feedback dos alunos: 1º turma (8º ano): Assim que chegaram e eu pedi para não sentar e falei logo que quem não quisesse fazer a aula poderia sair sem problemas. Ninguém

saiu. Mas assim que comecei a explicar as pessoas começaram a pegar suas coisas e saírem, foi saindo vários alunos, novamente pensei que ficaria sozinha. Mas para minha surpresa ficaram 7 alunos na sala, os mais velhos da turma e um jovem. Assim que todos que desejaram sair, saíram, eu fechei a porta e falei para eles: “Eu disse que minhas aulas exigiram coragem, vocês são os corajosos da turma. Parabéns”.

2° turma (7° ano): Eles estavam entusiasmados com a prática, no primeiro sentimento eles se alegraram bastante e começaram a pular, rir, estavam se divertindo. No segundo, que era tristeza, não souberam se expressar na dança e ficaram bastante tempo parados. Na raiva eles batiam o pé e gritavam tão forte que depois da aula outros professores vieram ver quem eu era e o que estava fazendo, também fui chamada atenção porque estava fazendo muito barulho. No feedback eles falaram que foi fácil porque gostaram de dançar, mas na tristeza foi mais difícil porque alguns tiveram vontade de chorar e não conseguiram pensar em outra coisa.

3° turma (6° e 5° ano): Ficaram bastante tempo parados só rindo e escutando a música, então eu peguei e comecei a dançar e a encorajá-los, outro aluno também começou a dançar muito. Os outros começaram a se movimentar, mas sem grandes expressões, só se movimentavam porque tinha que se movimentar mesmo. E foi assim durante toda aula, os alunos não interagem com a aula. Eles se mostraram bem envergonhados, mas para não deixar em evidência que esse era o real motivo, a maioria falou que era porque estavam cansados do trabalho.

A expressão de emoções e sentimentos varia entre as pessoas. Na medida em que vamos crescendo e passamos a dar razão ao que estamos fazendo, nossas ações mais expressivas são retraídas. Mas, segundo Brito (2013) são as dificuldades que impulsionam a busca de soluções e consequentemente possibilitam aprendizagens.

Quadro 4. Proposta de Atividade – Aula 4

Tipo de aula: Aula prática
Objetivo: Elogiar e ser elogiado
<p>Desenvolvimento da aula:</p> <p>1° Atividade: Aplicação do questionário</p> <p>2° Atividade: Elogiando o outro: Ir de encontro à outra pessoa e fazer um elogio sincero.</p> <p>3° Atividade: Agradecimento.</p>
Diário de campo
<p>Avaliação observacional e feedback dos alunos:</p> <p>Último dia das aulas estava contente por ter conseguido, era hora de me despedir. Cumprimentei todos novamente e perguntei se eles já tinham sido elogiados naquele dia, ou naquela semana, a maioria das respostas era não. Então pedi que cada um cumprimenta-se pelo menos dois colegas com um elogio, eles poderiam escolher quem eles quisessem, mas pedir para que tivessem atenção para que ninguém ficasse sem ser elogiado. Depois apliquei o último questionário e fiz os devidos agradecimentos.</p> <p>1° turma (8° ano): Demoraram a começar os elogios, estavam tímidos, mas depois que o aluno mais velho da turma foi lá na frente e elogiou todas as mulheres, todos riram e foram se soltando na atividade. Como eles demoraram no início e precisava aplicar o questionário, eles acabaram não tendo muito tempo.</p> <p>2° turma (7° ano): Quando os alunos chegaram pra aula no último dia eles já viam animados para os esperavam, mas acharam estranho porque as carteiras estavam enfileiradas iguais as outras salas, então já começaram a se lamentar mesmo eu não dizendo nada, eles sabiam que ali chegava o fim das práticas. Expliquei à dinâmica, eles fizeram uma bagunça, gritavam, riam, estavam se divertindo com os elogios uns dos outros.</p> <p>3° turma (6° e 5° ano): Levei a balinha que me pediram no primeiro dia de aula, mas falei que só entregaria se eles fizessem elogios sinceros para seus colegas, foi bem divertido porque não esperava ouvir elogios do tipo: “Seu jeito de andar e muito elegante”, “Quando você pergunta alguma coisa na aula é</p>

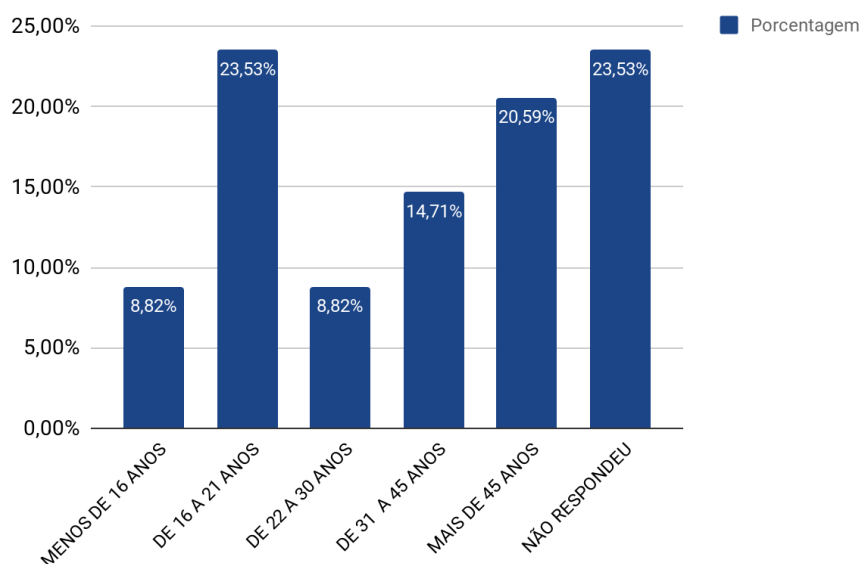
muito importante para mim porque é sempre o que tenho dúvida”.

O ser humano, dificilmente elogia o outro ser humano, e dificilmente se alegra com o sucesso alheio. Pois, estamos tão acostumados com a negatividade que faz parecer que a qualidade não faz parte de sua vida. Elogiar é saber dar uma resposta para um determinado comportamento positivo, uma maneira assertiva de reforçar as qualidades que as pessoas possuem e possibilitar a continuidade. Certas palavras têm teor negativo, que uma vez ouvida, dificilmente será esquecida. Já uma palavra de elogio e estímulo pode curar profundamente uma pessoa desanimada e desiludida (CARVALHO, 2009).

4.1 QUESTIONÁRIO 1

O questionário 1 obteve 34 respostas referente à todas as turmas, sendo 16 mulheres e 18 homens.

Gráfico 1: Idade dos alunos



Fonte: Dados da pesquisa, 2018

A origem do EJA veio como uma necessidade para aquelas pessoas que já passaram da idade regular possuírem o direito à Educação Pública, mesmo assim o que podemos perceber é um grande número de jovens com idade

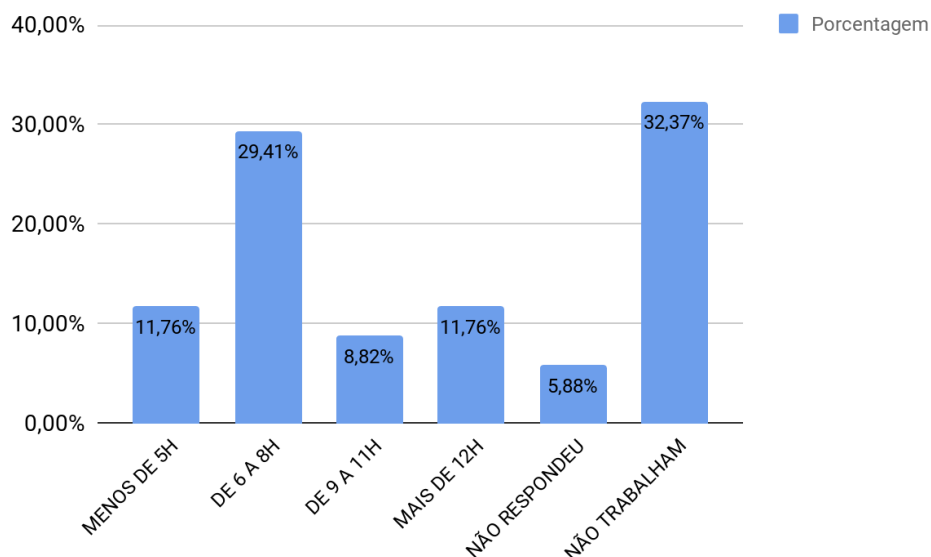
abaixo de 21 anos frequentando o EJA mesmo com idade que poderia estar frequentando o Ensino Médio e/ou Fundamental “regular” normalmente.

As crianças populares brasileiras não se evadem da escola, não a deixam porque querem. As crianças populares brasileiras são *expulsas* da escola – não, obviamente, porque esta ou aquela professora, por uma questão de pura antipatia pessoal, expulsa estes ou aqueles alunos ou os reprove. É a estrutura mesma da sociedade que cria uma série de impasses e de dificuldades, uns em solidariedade com os outros, de que resultam dificuldades enormes para as crianças populares não só chegarem à escola, mas também, quando chegam, nela ficarem e nela fazerem o percurso a que têm direito. (FREIRE, 2001)

Os fatores para esses alunos estarem frequentando a EJA podem ser pedagógicos como a falta de professores e estrutura básica das escolas, legais, pois a construção da legislação facilita quando diminuí a idade mínima na EJA, e estrutural quando os jovens com histórico de fracasso escolar consideram-se como os únicos responsáveis por este insucesso (BRUNEL, 2004).

Desses 23,53% que não responderam a idade é na sua maioria mulheres possuem vergonha por não terem concluído o ensino ainda.

Gráfico 2: Horas de trabalho por dia



Fonte: Dados da pesquisa, 2018

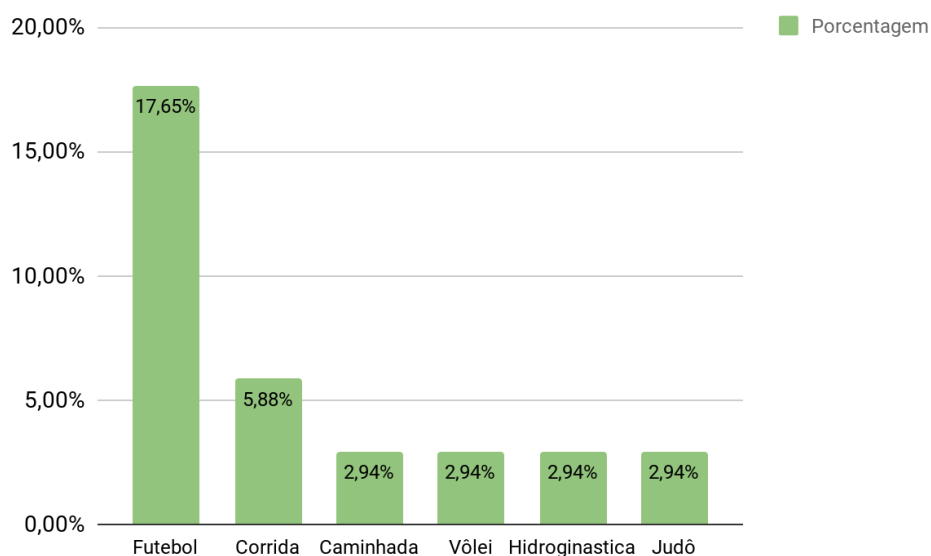
Dos 34 alunos, 67,63% trabalham 32,37% não trabalham. Dos que trabalham podemos perceber de acordo com o gráfico que 29,41% trabalham de 6 a 8 horas por dia.

A quase totalidade dos alunos desses programas, incluídos os adolescentes, são trabalhadores. Com sacrifício, acumulando responsabilidades profissionais e domésticas ou reduzindo seu pouco tempo de lazer, dispõem-se a frequentar cursos noturnos, na expectativa de melhorar suas condições de vida. A maioria nutre a esperança de continuar os estudos: concluir o 1º grau, ter acesso a outros graus de ensino e a habilitações profissionais. (BRASIL, 2001 p.36)

A Educação Física na Educação de Jovens e Adultos segundo a Lei da Educação Básica, Lei Federal nº 10.793, de 1 de Dezembro de 2003, ART. 26, PAR. 3º garante ao aluno optar por fazer ou não a disciplina quando cumpre jornada de trabalho igual ou superior a 6 horas; maior de trinta anos de idade; que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; que tenha prole. Ou seja, 29,41% têm o respaldo legal para optar por não fazer a disciplina.

23,53% desses alunos são casados, 2,94% viúvo e 73,53% solteiros, então além de estudar e trabalhar ainda têm pessoas com obrigações de pai, esposos, esposas a serem feitas. E também participam de grupos culturais, como igrejas, fazem algum tipo de atividade física, música e trabalhos junto à comunidade.

Gráfico 3: Prática de esportes



Fonte: Dados da pesquisa, 2018

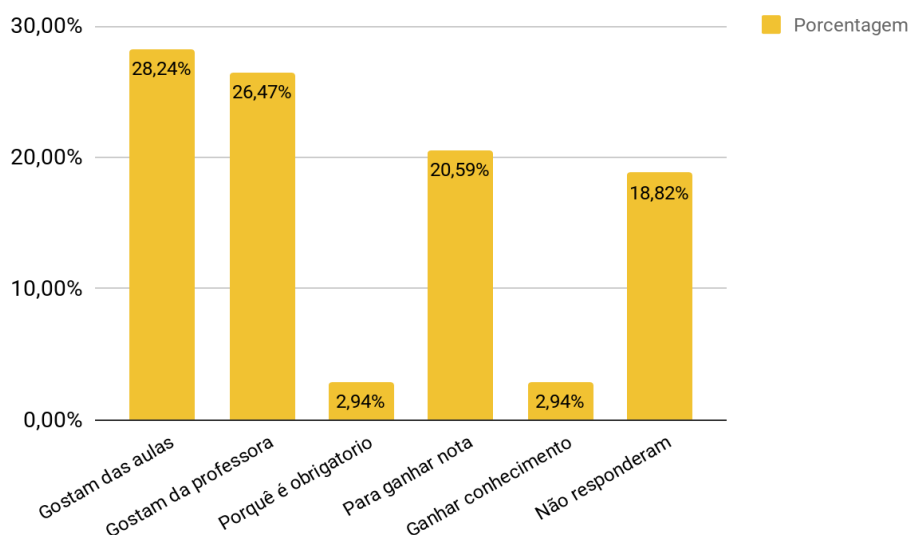
Mesmo com pouco tempo livre a atividade física é presente na vida de alguns alunos, 44,12% alunos fazem alguma atividade fora da escola, número

significativo levando em consideração que 67,63% dos alunos trabalham. Dos 44,12% que pratica algum esporte, 17,65% praticam menos de 2 vezes por semana, 17,65% praticam de 3 a 4 vezes e 2,94% prática entre 5 a 6 vezes por semana e 5,88% não responderam.

Levando em consideração que 55,88% só praticam alguma atividade física na EF escolar, é preciso que se faça um trabalho que leve os alunos a terem interesse em alguma prática de exercício físico para além do tempo de aula e, de preferência, que tenham prazer, enxergando nas aulas uma oportunidade para experimentarem diversas atividades que podem se realizar na vida cotidiana.

Neste processo, a corporeidade constitui-se em uma possibilidade de pensarmos o humano e os sentidos que damos à condição humana. Os sentidos coletivos, comuns, partilhados, gerais, tradicionais se entrelaçam com os sentidos tecidos por cada indivíduo, de forma particular, singular – o que nos faz pensar nas inúmeras experiências que jovens e adultos têm a compartilhar no processo de escolarização. (CARVALHO, 200?)

Gráfico 4: O porquê de participarem das aulas de Educação Física

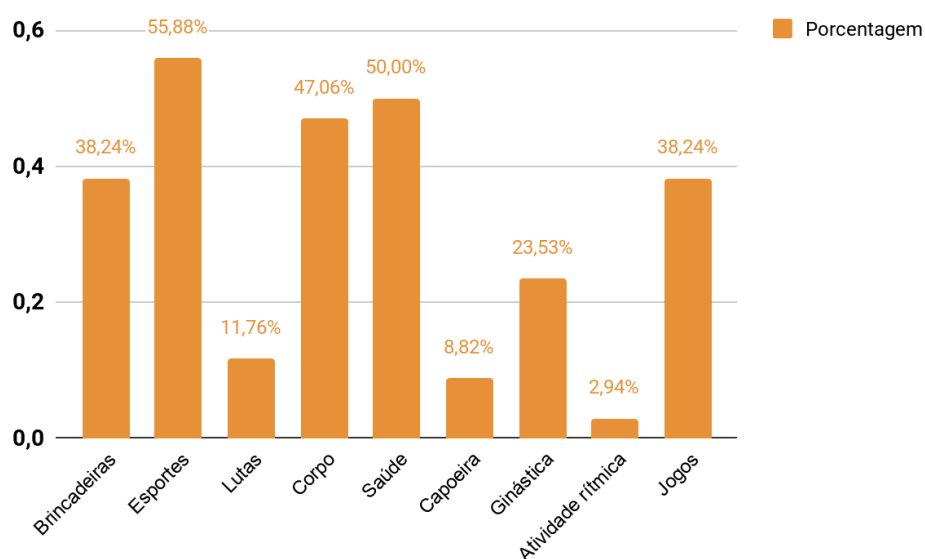


Fonte: Dados da pesquisa, 2018

O principal motivo da participação é por gostarem das aulas, mas é importante notar que 25,47% participam por gostarem do professor, ou seja, o professor precisa sempre ter qualidades e criar estratégias para atender a todos e oportunizar experiências que tenham significado e significância para suas vidas e definindo assim, uma melhor formação. Desta forma corroboramos com VÓVIO (2004) ao sustentar que:

É preciso fortalecer e apoiar os educadores, no sentido de serem investigadores criativos e reflexivos em suas práticas e de estabelecerem interações com os educandos nas quais respeitem sua cultura, seus valores e seu processo de aprendizagem, de saberem escutar e interpretar suas expectativas. O grande desafio consiste em estabelecer um processo de formação permanente, promovendo aprendizagens relevantes para a atuação profissional e para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que respondam a um conceito amplo de alfabetização e às demandas educativas desses grupos (p. 25).

Gráfico 5: Conteúdo das aulas de Educação Física



Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Ao serem questionados sobre quais conteúdos os alunos mais gostam 55,88% preferem esportes em geral, 50% conhecimento sobre saúde e 47,06% de conteúdos sobre o conhecimento do corpo. Segundo o gráfico 5, a diversificação no número de respostas sugere que a utilização de conteúdos diversificados agrada aos alunos e pode ser um dos motivos dos alunos

gostarem das aulas, além de uma abertura para o professor poder utilizar diversas propostas de ensino.

Porém, essa diversidade de conteúdo ainda precisa ser sistematizada na prática, pois mesmo diante da possibilidade de variar as atividades a serem trabalhadas nas aulas, vemos ainda a forte presença dos esportes coletivos (CHICATI, 2000; DARIDO, 2012).

Segundo Darido (2012) esse fenômeno está relacionado ao espaço físico da escola, que dispõe de uma quadra poliesportiva e dos materiais disponibilizados para a prática, que normalmente são as bolas e os implementos utilizados no esporte.

4.2 QUESTIONÁRIO 2

O questionário 2 foi respondido por 23 pessoas, sendo 14 homens e 9 mulheres.

Quadro 5. Respostas dos educadores para a pergunta “Como foram às aulas de corporeidade para você?”.

“Uma novidade, cada ano vem outras histórias”.

“Ótimo”.

“Muito boas”.

“Foi bem legal, diferente, criativo”.

“Maravilhosas”.

“Interessante”.

“Bom para as pessoas que gostam dessas aulas. Eu particularmente não gosto, porém indico para as pessoas virem participar da aula”.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

A maioria das respostas foi simples, como “muito boas”, “ótimas” e etc. Mas quero destacar essa última fala de um aluno que mesmo não gostando da aula se esforçou para tentar fazê-las e ainda indica para demais alunos.

Segundo Brito (2013) é normal o desconforto no início das práticas uma vez que as motrivivências, para quem julga pela aparência, são exóticas e podem até parecer bizarras. O processo de desequilíbrio atinge o público antes mesmo de começarem as práticas. Isso se acentua durante as vivências, mas com o tempo, não é complicado assimilar a desordem como uma experiência enriquecedora. Depois das primeiras impressões e da integração dentro do contexto, as percepções passam a revelar com mais consistência.

Quadro 6. Respostas dos educadores para a pergunta “O que de mais importante você conseguiu identificar nessas aulas?”

“Conhecer o outro”.

“Dançar”

“Entender algumas dúvidas que eu tinha”.

“A professora era muito bonita”.

“Consegui prestar atenção nas aulas”.

“Eu me identifiquei com a dança”.

“Me expressar sem vergonha”.

“O modo de interagir”.

“Colocar para fora os meus sentimentos”.

“Interatividade”.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

O ponto mais importante para os alunos segundo esses relatos foi conseguir interagir com o outro de forma lúdica, sem obrigações. Isso é muito importante, uma vez que na fase adulta nós perdemos a capacidade de interagir com o outro sem ficar com medo do julgamento, pois a seriedade

imperava em uma sociedade em que “muito riso é sinal de pouco siso” (CARVALHO, 200?).

Quando os educandos dão liberdade para que esse tipo de aula seja feita, e o melhor, que participem com empenho o aumento da capacidade de lidar com o inesperado e resolver seus problemas acontece com mais fluidez. É o que Brito (2013) acentua ao dizer que os indivíduos expostos ao Kaos se abrem para romper com a “mesmice” cotidiana (hábitos, padrões, condicionamentos) e vivenciar a possibilidade de um novo estado de equilíbrio e dinamismo vital que repercute na sua capacidade de solucionar problemas e de lidar com sua complexidade.

Quando a complexidade, a contradição e o conflito estão presentes, o brincar, o divertimento e o prazer tornam-se imprescindíveis para entender, em plenitude, o processo de formação do ser humano. Neste processo, a corporeidade constitui-se em uma possibilidade de pensarmos o humano e os sentidos que damos à condição humana, fazendo com que o corpo individual e o corpo coletivo articulam-se, formando-se dialeticamente. (CARVALHO, 200?)

Quadro 7. Respostas dos educandos para a pergunta “Quais as maiores dificuldades na aula de corporeidade?”

“Falta de vontade”.

“Nenhuma”.

“Não tive dificuldade”.

“Dançar”.

“Não achei nada difícil, encarei numa boa”.

“Elogiar o outro, não elogio ninguém”.

“O toque corporal”.

“Dançar no escuro”.

“Expressar os sentimentos”.

“Não tive dificuldade”.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Ainda que a interação seja o que de mais importante os educandos conseguiram identificar nas aulas, esse também foi um empecilho para alguns como é visto em suas falas onde o toque corporal, elogiar o outro, dançar e expressar os sentimentos foram colocados pelos alunos. Essa dificuldade pode ocorrer devido às experiências que o indivíduo tem com o seu próprio corpo e o corpo do outro por meio da consciência, do lúdico e do prazer.

É preciso trazer mais próximo possível dos alunos a vivência da Corporeidade, mostrar situações do dia-a-dia é essencial para que este corpo acostumado com a objetividade, com a rigidez, o pensamento não reflexivo, possa absorver e vivenciar. Ou seja, desenvolver no indivíduo a competência de se observar e construir mecanismos de defesa e ruptura com relação à manutenção e aquisição de hábitos que limitam a consciência de si e da realidade (NEVES, 2009; BRITO, 2013).

Quadro 8. Respostas dos educandos para a pergunta “Quais as maiores diferenças entre suas aulas de Educação Física anteriores e as aulas de corporeidade?”

“Nunca tinha dançado na aula de Educação Física”.

“As diferenças, a corporeidade nos especificaram mais”.

“As duas são legais, mas dançar dá mais incômodo”.

“Nas aulas anteriores só jogamos xadrez e dominó, nessas aulas pude fazer coisas que nunca fiz”.

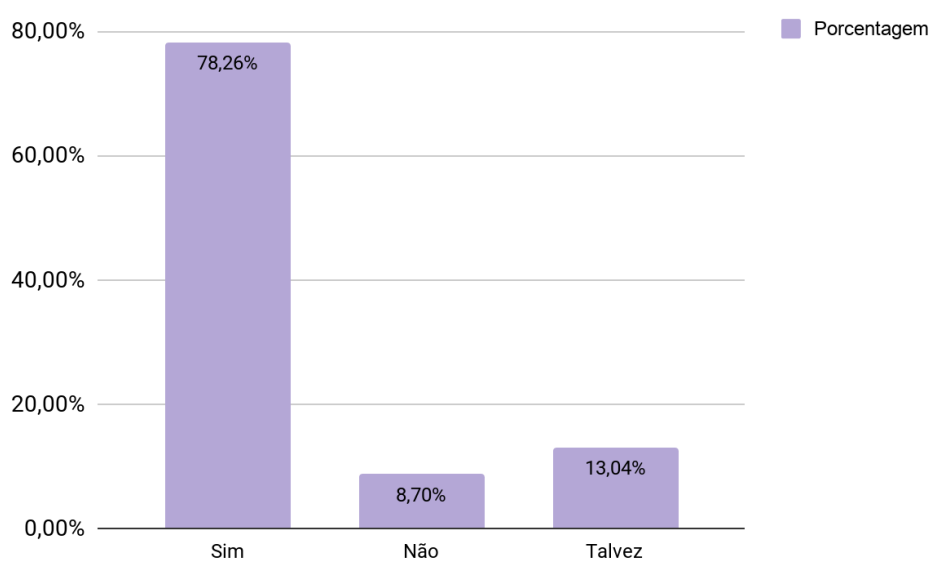
“A dança e o tocar no outro”.

“Nessas aulas tivemos muita interação”.

“Na outra trabalhamos com jogos, na corporeidade trabalhamos com o corpo e mente”.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018

Gráfico 6: Frequentariam mais aulas de corporeidade



Fonte: Dados da pesquisa, 2018

O que se pode observar no quadro 8 e no gráfico 6, que apesar das poucas aulas, foi perceptiva uma maior predisposição para continuar. Já há uma proximidade e aceitação da corporeidade pelos alunos e eles necessitam se expressarem de alguma forma, trazendo processos criativos, expressões, brincadeiras para seu dia-a-dia. Nesse sentido entendemos o papel da corporeidade na escola como promovedor de tais valores. Estes podem ser trabalhados durante a prática pedagógica de diversas formas, dentre as quais a corporeidade se torna uma opção de grande teor formativo.

Como mediadora acho que não influenciei nas respostas, visto que minhas ações eram neutras e tentava ao máximo proporcionar a tomada de decisão autônoma pelos estudantes para um bom desenvolvimento.

Conforme a perspectiva transformadora agregada a esse modelo de aula, nos alinhamos com Brito (2013) ao acentuar que da mesma forma que os hábitos são aprendidos, eles também podem ser desaprendidos, reconstruídos, transformados, mudados. O importante é não deixar que eles embotem nossas potencialidades. É neste sentido que advogamos em favor da quebra de padrões, hábitos e condicionamentos que inconscientemente são reproduzidos, buscando encontrar um ponto de equilíbrio entre caos e ordem para manter vivo o dinamismo da percepção e favorecer a ampliação da consciência.

5. CONCLUSÃO

Os jovens e Adultos que voltam a buscar o ensino escolar vão atrás de conhecimento formal e são pessoas que já possuem uma bagagem ampla de experiências, por sua história, cultura, estilo de vida, todavia ainda muito escassa referente a uma EF voltada para o corpo e todas suas possibilidades. E é em prol dos alunos e buscando o melhor para eles no que se refere ao corpo que esse estudo se fez necessário. Quando trouxemos a presença do lúdico para as motrividências pudemos perceber o incômodo por parte deles, seja por não ser uma atividade muito comum ou por não ser um padrão imposto pela sociedade de como o adulto deva se comportar. Todavia, constatamos que houve uma receptividade dos alunos pela proposta e também uma abertura de mais aulas da mesma temática. Nosso entendimento é que se faz necessário ser mais trabalhado esse conteúdo com os alunos, reconhecendo e respeitando suas especificidades, além do contexto em que estão inseridos. A intenção é que os estudantes, todos, inclusive aqueles que têm facultatividade, sintam-se bem e convidados a participar por vontade própria, embora reconheçamos que a “obrigatoriedade” ainda seja um artifício para que as pessoas conheçam o novo.

O objetivo que motivou esse estudo foi à busca de uma EF que traga luz para importância do tema da corporeidade nas aulas de EF de forma possibilitar a construção de melhores estratégias de ensinar e obter benefícios, a despeito das limitações que a EJA.

As motrividências realizadas indicaram possibilidades do educando perceber seus padrões comportamentais e condicionamentos o que pode auxiliá-lo a refletir acerca de seus comportamentos e de como a sociedade inculca uma moral à corporeidade.

Só pelo fato de aguçar a percepção e a reflexão crítica sobre si e o meio consideramos a necessidade de um maior incentivo na exploração do tema corporeidade como prática de ensino nas escolas.

O corpo enraíza nossa presença no mundo comportando potência como um eixo inter e transdisciplinar da educação. No caso da EJA dá suporte para a consolidação de uma educação física, como área afeta aos estudos e práticas da cultura corporal, se firmar e tornar-se um veículo importante do ato de tornar-se pessoas (cidadania). A construção da corporeidade é um percurso (processo) que, por sua plasticidade característica, não se prende à forma. Assim, mediador, em acordo com as circunstâncias e desde que seja competente para explorar criativamente as possibilidades que se apresentarem no aqui e agora tem aberto uma “porta” para todos os possíveis. (BRITO, 2013), rompendo com uma história de mesmice e carência de significado que perpassa as aulas de educação física, neste caso na EJA onde quase nada se observa de relevante em termos de Educação Física.

Sendo assim, espera-se que a corporeidade seja mais explorada por professores de Educação Física. Tirando o foco da Educação Física nos esportes e trazendo mais possibilidades de fazer um componente curricular que mostre e de possibilidade para serem trabalhadas as várias manifestações da cultura corporal do movimento.

Indica-se, neste íterim, a necessidade de sistematização e aprofundamento tanto do tema quanto da práxis no ambiente escolar uma vez que a acessibilidade desse público à experiências dessa ordem são remotas..

Em suma, o estudo, mesmo com as limitações de poucas aulas e do pouco tempo que nos foi permitido para realizá-lo trouxe indícios de que a corporeidade pode trazer dignidade e significado para as aulas de educação física no contexto da EJA. .

6. REFERÊNCIAS

ABROMAVAY, Mirian; AVANCINI, Marta. **Violência nas Escolas – bê-á-bá da intolerância e da discriminação.** <https://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02.pdf> 2011. Acesso em: 01 de Junho 2018.

BRASIL. **Lei Federal 9394/1996.** Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Presidência da República, 1996.

_____. Ministério da Educação (MEC). **Educação Física na Educação de Jovens e Adultos.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EducacaoFisica.pdf>>. Acesso em: 05 de Abril de 2018.

_____. **Proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental.** São Paulo/Brasília, 2001.

_____. **Proposta de Regulamentação da Lei nº 9.394/96.** Conselho Nacional de Educação de Belo Horizonte. Câmara de Educação Básica Parecer nº5/97.

_____. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). **Currículo em movimento da educação básica. Educação de jovens e adultos.** Disponível em: <http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/curric_mov/7_educacao_de_jovens_e_adultos.pdf> Brasília, DF, 2013. Acesso em 13 de Maio de 2018

_____. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). **Diretrizes operacionais da Educação de Jovens e Adultos.** Disponível em:

<http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/subeb/diretrizes_eja_2014_2017.pdf> Brasília, DF, 2014. Acesso em: 20 Fevereiro de 2018

BRITO, Marcelo. **A construção do sentimento de unidade: desdobramentos de uma abordagem corporal atípica no desenvolvimento humano**. Universidade de Trás-os-montes e Alto Douro. Vila Real, Portugal, 2013.

BRUNEL, Carmem. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**. Ed. Porto Alegre, Mediação, 2004

CARNEIRO, E. B. **Representação social de diretores de escola pública de Niterói sobre a inclusão da educação física no ensino médio noturno**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2002.

CARVALHO, Rosa M. **Movimento e expressão corporal na EJA**. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem01pdf/sm01ss08_08.pdf> Acesso em: 01 de Junho de 2018

CHICATI, Karen Cristina. **Motivação nas aulas de Educação Física no Ensino Médio**. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v.11, n.1, 2000. p.97-105.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CURY, C. R. J. **Caros colegas de trabalho, prezadas professoras, alunos e alunas da Educação de Jovens e de Adultos (EJA)!** Disponível em: <<http://cejagetuliovargas.blogspot.com.br/2010/08/caros-colegas-de-trabalho-prezadas.html>>. Acesso em 11 de Maio de 2018.

DARIDO, S. C. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. 5ªed. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

FREITAS, G. G. de. **O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade.** 2 ed. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1999.

GÜNTHER, M. C. C. **O direito à Educação Física na Educação de Jovens e Adultos.** Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 36, n. 2, Abr./Jun. 2014

LEMOS, A. G. **“Despeja na EJA”: Reflexões acerca da migração perversa de jovens para o PEJA no Município do Rio de Janeiro.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2017

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** Traduzido por Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 662p.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986.

NEVES, Livia Almada. **Corporeidade: Uma filosofia de atuação na Educação Física.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Educação Física. UFJF, Juiz de Fora, 2009.

OJEDA, T. **Relações entre corpo, trabalho e educação física na Educação de Jovens e Adultos.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Educação Física. UFSM, Santa Maria, 2011.

PIMENTA, R. P. T. **Ensino da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos.** Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

ROGERS, C. **Torna-se pessoa.** São Paulo: Martins Fontes, 1976.

SANTIN, Silvino. **Educação física: uma abordagem filosófica da Corporeidade.** Ijuí: Liv. Unijuí, 1987.

SANT'ANNA, A. R. **Desaprendendo a Lição: Discurso aos formado de Letras da UFRJ,** Rio de Janeiro, proferido no dia 28 de agosto de 1986.

SOUZA NETO, S. et al. **O corpo na escola: da dimensão motora a dimensão afetiva.** In: PINHO, Sheila Zambello de; SAGLIETTI, José Roberto Corrêa. (Org.). Núcleos de Ensino. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 150-177, 2007.

VÓVIO, Cláudia Lemos. **O desafio da alfabetização de jovens e adultos no Brasil.** Revista Pátio. Porto Alegre: Artmed, ano VIII, nº 29, fev/abr, 2004.

Cite três (3) conteúdos que você mais gosta nas aulas de Educação Física:

QUESTIONÁRIO 2 PARA ALUNOS DA EJA

Agradeço a sua colaboração, esse questionário é sigiloso.

Gênero: () Feminino () Masculino

Como foram as aulas de corporeidade para você?


O que de mais importante você conseguiu identificar nessas aulas?

Quais as maiores dificuldades na aula de corporeidade?

Quais as maiores diferenças entre suas aulas de Educação Física anteriores e as aulas de corporeidade?

Faria mais aulas como essas?

8. ANEXO



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
Coordenação Regional de Ensino do Guará

CARTA DE ENCAMINHAMENTO DE ESTUDANTE
Atividades Pedagógicas e de Pesquisa de Cursos de Licenciaturas

A Direção da Unidade Escolar: CEF 04 do Guará.

Encaminhamos o(s) estudante(s) abaixo relacionado(s), da Instituição de Ensino Superior UnB, do curso de Ed. Física, para realizar atividades pedagógicas da disciplina / do projeto EJA nessa escola. A atividade deverá ser realizada no 1º semestre do ano de 2018.

Solicitamos que a direção confira a identificação do(s) estudante(s) com um documento pessoal de identificação.

Nome do(s) Estudante(s)	Matrícula
<u>Betânia Sabina Santos</u>	<u>13/010.3691</u>

Descrição da(s) atividade(s) a serem realizadas*	Carga Horária
TOTAL:	

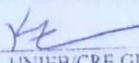
* Atividades de disciplinas específicas da graduação. EXCETO ESTÁGIO SUPERVISIONADO. A carga horária total das atividades não poderá ser superior a 20 horas. Em caso de projetos maiores como PIBID e TCC, deverá estar anexado o projeto ou plano de atividades detalhado quanto aos objetivos e ao que será desenvolvido na escola.

Este documento **NÃO autoriza registros audiovisuais ou fotográficos de pessoas** (alunos, pais, professores e demais funcionários da escola) e também **NÃO autoriza** a fazer qualquer menção dos nomes ou referência que identifique esses representantes/membros da comunidade escolar.

É permitido ao(s) estudante(s), sob consentimento e anuência da Direção Escolar, fazer observações, registros fotográficos de espaços, recursos e materiais da rotina pedagógica da escola, bem como realizar entrevistas com registros escritos de rodas de conversas, oficinas, entre outras atividades especificadas neste documento, com a comunidade escolar, desde que preserve suas respectivas identidades pessoais e não comprometa os processos escolares.

Guará-DF, 09 de abril de 2018

Atenciosamente,



Rita Zanandrea
Coord. Intermediária
CRE Guará/UNIEB
Fale 204.650-4
UNIEB/CRE GUARÁ

Unidade Regional de Educação Básica
CE 38 Projecção D A/E Guará II
71000-300 - Brasília - DF
(61) 3901-6657 e (61) 3901-3542